

As aventuras de seu Rosa

O VELHO ROSENTAL TINHA HISTÓRIAS DAS BOAS PARA CONTAR. ALGUMAS FORAM GRAVADAS

Luiz Marques/CB



ROSENTAL MOSTRA FOTOS DE JUSCELINO, PARA ELE "O SÍMBOLO DO BRASIL"

Carlos Silva/CB/18.4.96



CHEF HERDOU O NOME DE UM MASCATE

Paulo de Araujo/CB/14.3.99



DEPOIS DO BRASÍLIA PALACE HOTEL, COZINHEIRO VOLTOU PARA A VILA PLANALTO

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Foi o Museu da Pessoa que recolheu o último grande depoimento de Rosental Ramos da Silva, o chef de cozinha, dono de restaurante e cozinheiro de Juscelino Kubitschek, morto no dia 6 deste mês. Colhido em Brasília, em fevereiro passado, o relato do velho Rosental revelou que, muito antes de vir para a capital, trabalhou nas mais requintadas cozinhas do Rio de Janeiro da década de 40. Contou como aprendeu a cozinhar e de onde veio o gosto pela alquimia dos sabores.

Quando a mãe e o pai, lavradores de Muriaé, na Zona da Mata mineira, iam pra roça, Rosental ficava em casa cuidando dos irmãos menores e fazendo a comida. Aprendeu a mexer com panela no fogo aos oito anos de idade. Como faltavam ingredientes para o almoço, o pequeno cozinheiro punha uma pele de porco no feijão para deixá-lo mais gostoso. Fazia arroz, angu, canjiquinha.

Chamava-se Rosental por um acaso na porteira da fazenda onde seus pais moravam. Certo

dia, um mascate montado num burrinho estava em dificuldades para abrir a porteira, quando o pai de Rosental apareceu para ajudá-lo. "— Muito obrigado, senhor. — Como é o seu nome? — Sebastião Ramos da Silva. — E o senhor? — Eu me chamo Rosental..." Seu Sebastião gostou da sonoridade do estranho nome e decidiu que o filho perto de nascer, se fosse menino, teria o nome de Rosental.

Logo o menino foi ao mundo ganhar o próprio dinheiro. Ia para a rua vender galinhas do mercado e recebia uma parte do lucro. Limpava quintais e ganhava ossos de boi supostamente destinados aos cães, mas que na casa de Rosental viravam o prato do dia. Colhia goiabas e vendia aos vizinhos. Virava-se tanto que, depois de algum tempo, o menino passou a levar mais dinheiro para casa que o pai.

Até que chegou o dia em que Rosental viu que precisava atravessar a fronteira de Muriaé e desembocar no Rio de Janeiro. Foi trabalhar no lendário Hotel e Cassino Quitandinha, em Petrópolis. Contou o velho Rosental: "A cozinha do Quitandinha cabia 1.500 pessoas, 2 mil pessoas, era uma cozinha muito grande; tinha a segunda cozinha, tinha o grill do lago, que é onde

eu aprendi a maior parte da minha vida. A equipe, a brigada de cozinha, como eu vou balizar? Vinte cozinheiros em cada turno de serviço".

Quando o Quitandinha fechou, com a proibição dos cassinos, Rosental perambulou por restaurantes frequentados pela elite política e pelas celebridades da noite carioca. Não houve personagem que mais o encantou que Juscelino Kubitschek de Oliveira. "Juscelino é outra história. O Juscelino é o símbolo do Brasil, da brasilidade, de todos nós". Rosental veio a Brasília ainda na época da construção. Já conhecia JK desde os tempos do cassino da Pampulha, em Belo Horizonte.

Reencontraram-se num banquete. Rosental era o responsável pelo cardápio daquela noite. Estava sentado, descansando da labuta, quando alguém o alerta: "Olha quem está atrás de você!". Era Juscelino visitando a cozinha. "Vossa Excelência, boa noite", cumprimentou-o o cozinheiro. "Quem fez essa comida toda?". Ao que Rosental respondeu: "Vossa Excelência, não fui eu somente não. Foi aqui a equipe que eu trabalho com ela". De sopetão, JK sacou: "Estou fazendo uma cidadezinha aí. Se eu precisar de você, você vai lá me atender?". E Rosental: "Ah, Vossa Excelência, com todo prazer, excelência".

Depois disso, passou a vir preparar banquetes destinados às visitas de JK a Brasília em construção. Vinha de avião até Anápolis e de lá, de jipe até os acampamentos dos operários e engenheiros que construíam a nova capital. "Pra presidente tem negócio tudo bom em todo lugar, rapaz, só num tem pra mim", disse o velho Rosa, o banqueteiro que trazia a mesa posta e a instalava no canteiro de obras de Brasília com todas as iguarias servidas no Palácio do Catete.

Seu Rosa só veio de mudança para Brasília no início da década de 70. Teve restaurante no anexo do já queimado Brasília Palace Hotel, na Asa Norte, depois voltou para a Vila Planalto. até montar seu restaurante. Sete meses antes de morrer, seu Rosental estava cansado e desalentado: "... tô cansado, tô doente, num tô numa boa, mas tô aí. Não deu pra ficar rico, não deu pra ficar nada, devendo a cabeça do corpo, mas eu estou, sem dúvida, tô em guerra ainda, (sem) saber como é que eu vou sair dessa".

HISTÓRIAS DE CONTAR

Dentro em pouco, outubro possivelmente, a memória da vida brasiliense passará a ser registrada pelo Museu da Pessoa, acervo virtual que há mais de 15 anos recolhe e divulga depoimentos de brasileiros. O museu vai coletar o testemunho de quem tem histórias para contar sobre sua experiência de vida na nova capital. Não será uma coleta restrita à construção da cidade. Todo aquele que tiver o que contar poderá ser ouvido pelo museu, seja com depoimentos escritos diretamente ao portal ou com entrevistas feitas pelos pesquisadores do instituto. "A idéia que sustenta o museu é a de que toda pessoa tem uma história para contar", diz Cláudia Leonor, pesquisadora do Núcleo de Projeto do Museu da Pessoa. O portal do museu é www.museudapessoa.net



Carlos Moura/CB/19.12.99

"... EU ESTOU, SEM DÚVIDA, TÔ EM GUERRA AINDA, (SEM) SABER COMO É QUE EU VOU SAIR DESSA"